



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

TRAVESSIA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR E MULTICULTURAL ENTRE O CERRADO E A CAATINGA

Daniele da Silva Zezuino; danielezezuino@egresso.ufg.br

Mariana Brito Xavier, mariana.xavier@discente.ufg.br

Nilton José dos Reis Rocha; niltin.rocha@gmail.com (orientador)

RESUMO

O presente relato de experiência se resulta do envolvimento das estudantes na Expedição Travessia, que contou com estudantes e pesquisadores da UEG, IFG e UFG, em campos interdisciplinares do saber, mas que compartilham a preocupação com a agroecologia, crise climática e preservação de saberes tradicionais. Ao longo da experiência, o grupo pode aprofundar seu conhecimento acerca do Cerrado e Caatinga, enquanto biomas, mas também locais de florescimento das relações e identidades. Assim, por meio de visitas ao Parque Nacional da Serra da Capivara, à Comunidade Fecho de Pasto Brejo Verde e à Cobertura do 3º Festival Internacional de Cinema Agroecológico, as estudantes puderam explorar o papel da comunicação, enquanto ponte de articulação de saberes – experiência descrita neste relato.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Agroecologia. Comunidade. Compartilhar.

1. INTRODUÇÃO

Os Laboratórios Integrados Magnífica Mundi, em atuação desde 2000, são um complexo de comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/UFG), fundamentado no uso de ferramentas comunicacionais e tecnológicas (WebTV, Web



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



popular, construída de forma colaborativa, subjetiva e a partir do diálogo originado nos grupos populares, com intenção de mobilização coletiva por meio dos canais de comunicação, conforme as ideias de Peruzzo (2009), Almeida e Rocha (20217).

2. METODOLOGIA

Assim, por entender a importância do diálogo na compreensão de saberes interdisciplinares e multiculturais, os integrantes utilizaram o compartilhar como metodologia do projeto. Segundo Almeida e Rocha (2017), o campo da comunicação pode agir como um espaço de encontro de saberes pelo ato de compartilhar.

Desse modo, por meio da comunicação e do jornalismo – enquanto agentes capazes de articular as narrativas cotidianas – o método foi escolhido por ter relação direta com o aprendizado a partir da troca de ideias e conhecimentos próprios dos grupos interdisciplinares e múltiplos presentes na experiência, que envolveu integrantes dos ramos do jornalismo, design, geografia, matemática, história, turismo e agroecologia, além de rodas de conversa com representantes de comunidades indígenas, quilombolas e camponeses.

Portanto, percebe-se, segundo Oliveira e Barbosa (2017), que o método trata-se de uma prática emancipatória, pois

não só amplia espaço para ideias e capacita tecnicamente, como também constrói junto com as mais diversas comunidades novas formas de compartilhar conhecimentos, trocar experiências e lutar por ideias que representem sua identidade e realidade. (Oliveira e Barbosa, 2017, p.6)

Desse modo, é possível afirmar, com base nessa experiência e nas evidências adotadas, que essa metodologia não garante apenas o aprendizado por parte dos discentes, mas de todos os envolvidos no processo. Nesse sentido, o presente texto aborda nossas experiências enquanto discentes de jornalismo e design gráfico, durante a *Expedição Travessia*, composta por pesquisadores do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (Gwatá), Programa de Pós-Graduação em



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



Geografia (PPGEO/UEG), Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), pelos Cursos de Geografia, Turismo e Matemática (UEG) e Agronomia (IFG/Campus Cidade de Goiás).

Na ocasião, os participantes percorreram cerca de 1.700km, atravessando e conhecendo os biomas Cerrado e Caatinga, em uma viagem que partiu da Cidade de Goiás (GO), com destino final em Juazeiro (BA), a fim de participar do 3º Festival Internacional de Cinema Agroecológico, que fez parte da programação do 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), evento voltado à agroecologia e às soluções climáticas.

Para além da participação do Congresso, é imprescindível relatar a visita ao Parque Nacional da Serra da Capivara (PI), à Comunidade Fecho de Pasto Brejo Verde (BA), e ao artesão e técnico em agroecologia Hermes Novais, que serão descritas no presente trabalho.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Parque Nacional da Serra da Capivara

A visita ao Parque Nacional da Serra da Capivara foi um momento extremamente marcante para o grupo. Além de ter sido a primeira parada com atividades, a imensidão (física e de importância histórica) do Parque gerou diversas conversas e reflexões sobre os registros da construção das relações humanas, o bioma Caatinga, a valorização do conhecimento científico e a manutenção de áreas de preservação histórico-culturais.

Na ocasião, pudemos conhecer sítios arqueológicos localizados dentro do Parque Nacional, com o acompanhamento de guias, em um percurso que durou cerca de 4 horas. Durante o trajeto, os profissionais explicaram sobre a formação geológica e os registros humanos presentes no local, indicando por exemplo, pinturas rupestres mundialmente conhecidas como O Beijo e o desenho-símbolo do parque.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-TERMO

APOIO



Enquanto estudantes de comunicação, um dos pontos mais fascinantes sobre a visita, foi observar, ao longo dos anos, a necessidade humana de se expressar – seja por desenhos de caça, rotina e danças –, é possível perceber, em algum nível, o esforço contínuo do ser humano de entender o seu local no mundo. Além disso, a influência sobre a passagem do tempo nas pinturas também chamou a atenção, principalmente pelas diferentes cores utilizadas em cada época e como, em muitos casos, é possível perceber esse encontro de gerações por meio das características dos desenhos.

A pintura-símbolo do Parque Nacional da Serra da Capivara, por exemplo, é composta por dois animais, um acima do outro, mas que datam períodos históricos diferentes, o que é possível perceber pela complexidade dos desenhos e formas – enquanto um animal possui linhas simples, outro já tem o corpo preenchido.

Outro ponto de extrema importância que foi notado durante a visita, é a importância do Parque para a comunidade. Além dos mais de 70 trabalhadores, o Parque Nacional da Serra da Capivara é conectado ao Parque Nacional da Serra das Confusões, por meio do Corredor Ecológico Capivara-Confusões, uma área de mais de 400 hectares que conecta nove municípios e abriga o Território Quilombola de Lagoas, um dos maiores do país.

Por meio das conversas com os guias, conhecemos um pouco mais da história dessa comunidade, que foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (FCP), em 2009, mas ainda hoje luta com questões envolvendo a titularidade das terras e com a presença de mineradores na região.

Essa visita e o contato com tantos aspectos diferentes da história, gerou conversas sobre os registros do passado e também a necessidade de preservação dos saberes e povos tradicionais para a manutenção do presente e do futuro. Além disso, também se gerou o questionamento sobre que tipo de registros estamos deixando sobre a nossa marca no mundo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Assim, por parte dos alunos de comunicação, foram feitos registros fotográficos das visitas, bem como a gravação de áudios das explicações dos guias sobre o Parque. Esse material – além de ter sido utilizado em postagens no Instagram ao longo da viagem, divulgando o trabalho do coletivo –, também fará parte de um livro, que está em processo de produção pelo Núcleo de Agroecologia e Educação no Campo (*Gwatá*).

3.2. Roda de Conversa com Hermes Novais de Santa Maria da Vitória (BA)

Ouvimos também a história de um pesquisador local chamado Hermes Novais, dedicado à pesquisa e preservação da memória desta região, partindo de sua própria história. Nascido durante a tentativa de compreender as mudanças ocorridas no Cerrado, especialmente em relação à expansão da agricultura, seu interesse pelo assunto se desenvolveu ao ingressar em um curso técnico em agronomia. Por outro lado, essa experiência mostrou que a formação técnica é muito voltada para o campo, sem qualquer senso de resposta ao agricultor no modelo agrícola dominante.

Este estudo do Hermes é resultado de um trabalhos e entrevistas realizadas pelo pesquisador com antigos moradores da região, sobre a história da ocupação da terra, com foco nos processos, especialmente a partir da década de 70, que intensificaram a abertura do Cerrado para a agricultura. Em seu discurso, ele também ressaltou que não pode hesitar em adotar o "desmatamento zero", mas sim buscar os efeitos socioambientais relacionados à expansão da lógica produtiva.

Outro aspecto relevante de seu relato foi a valorização de práticas tradicionais de manejo da terra, aprendidas com sua família, baseadas na diversidade de cultivos e no uso equilibrado do ambiente. Essas memórias reforçam uma visão de relação mais sustentável com o território, em contraste com a lógica da monocultura. Dessa forma, o seu relato demonstra que as disputas pelo território atualmente não dizem



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



só respeito ao uso da terra, mas também à manutenção dos modos de vida e saberes tradicionais de populações que têm como histórico de vida o convívio na região.

3.3. Visita à Comunidade Fecho de Pasto Brejo Verde (BA)

A comunidade do Fecho de Pasto Brejo Verde, situada no Oeste Baiano, é composta por povos tradicionais que sempre viveram da agricultura familiar e do uso coletivo do território do Cerrado. A área conserva práticas tradicionais de manejo e isolamento das nascentes, mas hoje sofre pressões pela expansão do agronegócio e por disputas territoriais, que comprometem sua forma de vida.

A visita à comunidade Brejo Verde representou um dos momentos mais marcantes da expedição, não apenas pelo contato direto com o território, mas sobretudo pelo encontro com as narrativas de resistência construídas por seus moradores ao longo de gerações. Uma roda de conversa mediada por representantes locais permitiu aos estudantes escutar casos que ilustram a íntima relação entre comunidade, território e natureza – uma relação que se manifesta como modo de vida e identidade coletiva.

Durante o diálogo, os participantes relataram memórias que atravessam séculos de compromisso com o território. A criação coletiva de gado na comunidade nos Gerais, por exemplo, é parte central dessa dinâmica, radicada há décadas no modo de defesa diante da precariedade de vida e manutenção cultural. Ainda assim, os moradores relataram também sobre mudanças que põem em risco estas práticas, como o aumento das disputas pela terra e a pressão de interesses ligados ao agronegócio.

É na nascente e no rio porém que a luta da comunidade ganha expressão natural. A conservação das nascentes é considerada prioridade, pelo fato de que a agricultura de subsistência e o fornecimento de água para a comunidade, bem como para regiões próximas. Como parte de uma estratégia de proteção ambiental, foram



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



os próprios moradores que se organizaram em mutirões para cercar áreas de nascente, protegendo mais de 20 km de território para evitar erosões e outros impactos ambientais – uma iniciativa que mostra um zelo com o cerrado a partir do vivido e dos saberes ancestrais.

Ao mesmo tempo, os depoimentos mostram um contexto de crescentes tensões. Muitos moradores relatam dificuldades ao acesso a espaços que historicamente são utilizados, além da presença de agentes externos e processos judiciais relacionados à terra. Em alguns lugares, dizem que não podem mais caminhar livremente pelas terras gerais, como sempre fizeram, e que em sua rotina de trabalho envolve estar em estado de alerta constante e proteger seu território.

Esse retrato mostra como as disputas por terras e recursos naturais impactam diretamente a vida das comunidades tradicionais.

A visita evidenciou, portanto, que as lutas determinadas pelos conflitos socioambientais da comunidade são um duelo entre modelos distintos de desenvolvimento. Por um lado, a lógica da exploração intensiva dos recursos naturais; por outro, modos de vida no território baseados em saberes tradicionais e na proteção das águas e da biodiversidade.

3.4 Cobertura FICAECO

O Festival Internacional de Cinema Agroecológico é uma atividade desenvolvida junto ao Congresso Brasileiro de Agroecologia. Na 3ª edição do festival, foram exibidos 34 filmes, todos voltados às questões socioambientais, além do pertencimento e identidade de povos tradicionais, trabalhados por meio do audiovisual.

Ao abordar as condições próprias da vida cultural brasileira, os(as) realizadores(as), bem como os(as) produtores(as), roteiristas e outros(as) atores/atrizes da América Latina, ao longo dos tempos buscaram filmar o seu povo da forma mais próxima possível, demonstrando suas vivências, histórias, tragédias, lendas, musicalidade e religiosidade como expressões legítimas da alma latina. (FICAECO, 2025, online)



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Além da mostra, o evento contou também com oficinas, exposições artísticas e rodas de conversa, com o objetivo de fomentar o diálogo – através das diferentes formas de expressão artísticas e comunicacionais –, das diversas vivências compartilhadas.

Esse ano, o Povo Xukuru do Ororubá foi homenageado através da estatueta inspirada na imagem de Xicão Xukuru, liderança indígena assassinada na luta pelo direito e respeito ao território. O monumento foi produzido pelo artista visual Felipe Corcione e, além da homenagem, representa também reflexão sobre proteção ambiental e valorização da vida. Uma vez que ao invés de uma estatueta banhada a ouro – grande símbolo da exploração ambiental e sangue derramado –, fez-se uma estatueta de barro, a fim de demonstrar que nenhum minério deveria sobrepor a importância da vida.

Todo esse processo de convivência – marcado pelos simbolismos, representações visuais, artísticas e diálogos – e compartilhamento entre as culturas, foi de grande aprendizado para todo o grupo. Não apenas pela possibilidade da comunicação enquanto ponte articuladora de narrativas (Rocha, 2020), mas a um nível de formação pessoal, para compreender as realidades enfrentadas pelos povos tradicionais, quilombolas, ribeirinhos e camponeses, no processo de resistência.

É importante observar também que essas comunidades dificilmente possuem espaço na chamada grande mídia, ou no formato tradicional de comunicação e jornalismo. E, nesse sentido, não partimos do princípio de que o jornalismo, ou qualquer outra forma de organização da comunicação, seja capaz de “dar voz” ao sujeito – embora esse ideal continue sendo amplamente propagado. A própria organização do Festival é exemplo da capacidade de organização, articulação e propagação de saberes entre os povos.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



No entanto, ocupando o lugar de agentes da comunicação em formação, é imprescindível refletir sobre o apagamento dos saberes e presença desses povos e lideranças nas práticas profissionais dentro da comunicação. Especialmente considerando a importância do conhecimento dessas comunidades tradicionais em assuntos referentes à sustentabilidade, crise climática e manutenção da vida.

Nesse sentido, nós, estudantes dos *Laboratórios Integrados Magnífica Mundi* presentes na Expedição, realizamos transmissões das rodas de conversa no canal do *YouTube da Magnífica Mundi*, posts no Instagram e também gravação de entrevistas, a fim de ampliar o alcance – por meio das ferramentas de comunicação –, dos debates propostos pelas lideranças e participantes do evento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, por meio das experiências vividas na Travessia, enquanto participantes, é possível perceber as relações estabelecidas durante cada etapa ou ação do projeto. Desde o período anterior à expedição, com reuniões e diálogo constante para a organização, até os momentos de compartilhamento e diálogo dentro do ônibus, e a realização das atividades. Todas as etapas foram fundamentadas nos princípios do método compartilhar e na construção colaborativa dos saberes.

Houve um envolvimento ativo por todos do projeto, pelos participantes do FICAECO, pelas comunidades tradicionais e lideranças populares que compartilharam esses dias conosco, nas mais diversas atividades. E essa participação, portanto, ultrapassa a construção de um saber formal ou técnico, mas de formação pessoal entre todos os envolvidos.

Ao se falar sobre resultados práticos da experiência, enquanto agentes do campo da comunicação/jornalismo, foram realizados inúmeros registros fotográficos, gravação de entrevistas e conversas, transmissão de conteúdos ao vivo para o canal



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO

APOIO



Magnífica Mundi no YouTube e materiais para o perfil *Magnífica Mundi* no Instagram, em colaboração com o perfil oficial do FICAECO. Grande parte desse material irá compor um livro de relatos e registros sobre a experiência da Travessia, ainda em processo de produção pelo Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (*Gwatá*).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA; ROCHA. Jornalismo compartilhado como prática emancipatória das relações sociais. **Anais Eletrônicos do I Congresso Epistemologias do Sul**, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/view/682/607>. Acesso em: 10/03/26

FICAECO. 3º Festival Internacional de Cinema Agroecológico (FICAECO 16 e 17/10/2025), 2025. Disponível em: <https://cba.aba-agroecologia.org.br/ficaeco/>. Acesso em: 13/03/2026.

OLIVEIRA; BARBOSA. Compartilhar imaginários: o Jornalismo Compartilhado como construtor de espaços democráticos e criativos. **XXXI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo, 2017. Disponível em: <https://cdsa.academica.org/000-018/217>. Acesso em: 10/03/26.

PERUZZO, C. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2009. DOI: 10.29146/eco-pos.v12i2.947. Disponível em: [Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor | Revista Eco-Pós](#) . Acesso em: 10 mar. 2026.

ROCHA, N.J.R. A Cidade das Palavras (Insubmissas). **Comunicação Popular e Globalização compartilhada**. CES-FEUC, Universidade de Coimbra. Acesso em: 11 mar. 2026